

Rascunho de uma ode ao poeta do século

À memória de Gerardo Mello Mourão

Francisco Carvalho

I

Gerardo Mello Mourão,
nascido nas Ipueiras
entre estribos e alimárias
e outras coisas que rastejam.

Freqüenta a tenda dos nômades,
deles herda antigas lendas
e as reconta para os velhos
que anoitecem nos alpendres.

“Albatroz baudelairiano”,
repousa as asas de Apolo
nos picos das cordilheiras
onde as águias põem seus ovos.

Edison Simons o proclama
“o mais universal dos poetas”
amamentados por uma cadela
latina chamada América.

Sabedor de muitas artes,
versos escritos nas grutas.
Na flauta antiga de Orfeu
toca Algumas Partituras.

II

Sabe a ciência das vacas,
dos novilhos e dos touros.
Dos bezerros quando voltam
de seus exílios vindouros.

Canta as “éguas clamorosas”
e até “centauros morenos”.
Canta o emblema de seus cascos
nos tabuleiros cinzentos

do Nordeste sem cacimbas
para os gados e as ovelhas.
Os Feitosas e Sampaio
nos grotões das Ipueiras.

E o sertão era de couro
aveludado de novilho
para o selim das madames
ou para as febres do estio.

Gerardo conhece as trilhas
do Raso da Catarina
por onde andou Lampião
com seus cabras na caatinga.

III

Brilha o couro nas palmilhas,
cartucheiras e artefatos,
nas bandoleiras dos rifles,
nos punhais, nos bacamartes.

Nos baús onde o alecrim
perfuma rendas e coifas,
os enxovais de cambraia
e os bordados para as noivas.

Conheceu mestre Avelino,
cortava o couro com a faca.
Cheiro forte de lascívia
nos quatro cantos da casa.

E a casa cheirava a cedro,
e o cedro cheirava a couro
“curtido à casca de angico”.
Cheiro de alforjes e alcovas.

Nas argolas dos sapatos,
o ouro arcaico das botijas
dos pobres. Coxas desmaiam
ao cheiro das madressilvas.

IV

O corte e o lombo dos livros
nas prateleiras de cedro.
Sob lâmpadas de azeite
bocejam versos de Homero.

Virgílio, Dante e Camões
louvam deuses e adivinhos.
No alto do cedro odorífero,
os Boccacios fesceninos.

Forte aroma de resina,
odor de couro sem nódoas.
Sob o vidro das estantes,
o tempo esfarela as odes.

Couro de bezerro. Couro
aveludado de novilhas.
Os velhos mestres da sola
deles fazem maravilhas.

Ájax e Heitor não tiveram
seus arcos, flechas e escudos
celebrados por Homero
nas cordas dos alaúdes.

V

Longas noites dos alpendres,
das cordas e das sextilhas.
Maria Lina e seu séquito
de cravos e madressilvas.

Homero e o cego Aderaldo
trocam enredos nas violas.
Com seus dedos de camurça
semeiam rosas e estrofes.

Esse albatroz das Américas,
numa festa de requinte,
foi aclamado o Poeta
mais alto do Século XX.

O baú da avó com vinte
e tantos contos de réis.
O baú das escrituras
com os brasões dos coronéis.

Baús com tachas de cobre
adornados de arabescos.
Baús de cedro do Líbano
cheirando a lã de borregos.

VI

Baús de maçaranduba
para as infantas nostálgicas.
Velhos baús de pau-d'arco
com resinas aromáticas.

Os baús têm seus mistérios,
asperezas e veludos.
Cavernas de ócios e ossos,
são fantasmas de ataúdes.

Baús de todas as formas
e de todos os feitios:
para as volúpias dos velhos,
para prata das botijas.

Gerardo vê Nova York
com suas madeixas de asfalto.
(Tudo aquilo vale um coldre
feito de couro de gato?)

Garatujas e arabescos
em toda a cidade onírica.
Arranha-céus são cavalos
nos pastos do Apocalipse.